

Elisabete Cristina Figueiras Ribeiro de Jesus Pereira

# Felicidade e Tecnologia em Fahrenheit 451

Comunicação APGICO

18 de Outubro de 2008

WE hold these Truths to be self-evident, that all Men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty, and the Pursuit of Happiness. (The Declaration of Independence, 1998)

As questões relacionadas com a demanda da felicidade têm caracterizado a Humanidade desde a sua génese. Como emoção ou como estado de espírito, a felicidade tem sido objecto de desejo ao longo da história humana, facto que reflecte a importância que lhe é atribuída.

De igual modo, a criação e utilização de tecnologia surgem também associadas à génese do ser humano, constituindo muitas vezes a justificação encontrada para o seu contínuo desenvolvimento a melhoria das condições de vida de indivíduos e sociedades, tornando-as mais felizes. Todavia não se pode afirmar que uma sociedade mais desenvolvida tecnologicamente seja uma sociedade mais feliz.

A busca da felicidade é garantida pela Declaração da Independência dos Estados Unidos da América, lado a lado com outros direitos considerados inalienáveis: “Life, Liberty, and the Pursuit of Happiness”, e remonta a uma ideia mais antiga, uma vez que os colonos partem para o novo continente em busca de uma Terra Prometida, de um espaço onde possam ser felizes e viver de acordo com as suas crenças religiosas. É, então, desde a fundação dos Estados Unidos da América como nação, que a ideia de direito à felicidade se encontra presente como uma reivindicação profundamente enraizada na cultura americana e cristalizada no *American Dream*, que preconiza a ideia de que qualquer objectivo pode ser atingido através de trabalho árduo e determinação.

Para muitos americanos, o ideal de felicidade está directamente ligado ao sucesso financeiro e indirectamente associado à tecnologia, pois os Estados Unidos da América são um país fortemente marcado pela invenção, utilização e difusão de tecnologia, sendo eles os responsáveis pela expansão desse ideário no resto do mundo, particularmente, no período que se segue à Segunda Guerra Mundial. É através da influência que os Estados Unidos da América têm imprimido durante os séculos XX e XXI, quer a nível económico, social ou cultural, sobre praticamente todos os povos, que o ideal de busca de felicidade associado ao progresso tecnológico se espalhou, tornando-se uma questão universal.

Na presente comunicação foi conduzida uma análise de dois fios condutores considerados essenciais na narrativa Fahrenheit 451 de Ray Bradbury: **Felicidade** e

**Tecnologia.** A sociedade actual é cada vez mais dependente da tecnologia e as inovações acontecem cada vez mais rapidamente. O objectivo da tecnologia é primeiramente possibilitar, facilitar e amenizar a vida do ser humano. Por este motivo, a associação do termo tecnologia a sensações de bem-estar, conforto, satisfação e até felicidade é frequente. No caso da obra em análise punha-se a questão concreta de tentar circunscrever até que ponto o ideal de *pursuit of happiness*, tão querido ao povo dos Estados Unidos da América, estaria, na concepção das personagens de Fahrenheit 451, completamente dependente das possessões materiais e do avanço da tecnologia e aferir até que ponto esta poderia constituir um entrave à obtenção da felicidade.

Através do estudo das raízes culturais, históricas, religiosas e literárias das tradições clássica e judaico-cristã concluiu-se que o conceito de felicidade passou por várias transformações até chegar ao conceito contemporâneo. Na época clássica, felicidade estava intimamente associada ao conceito de virtude e a sua magnitude só podia ser avaliada no final de cada vida humana. Uma vez que ser-se bom implica por vezes fazer algo que é benéfico para a família, grupo ou comunidade, mas que pode implicar dor ou sofrimento para o sujeito, o conceito de prazer não é considerado importante para se ser feliz.

Durante o cristianismo primitivo, felicidade foi intimamente associada à ideia de sofrimento, sendo que a felicidade completa só seria passível de ser atingida na passagem para o Paraíso. O mundo terreno era visto como um vale de lágrimas votado ao sofrimento e a morte constituía o meio para atingir a felicidade. O cristianismo democratizou o conceito de felicidade e tornou-o acessível a todos, mas simultaneamente retirou-a do alcance do indivíduo durante a vida terrena.

Na Idade Média, Santo Agostinho acrescentou a doutrina da predestinação e advogou que uma felicidade terrena imperfeita é possível, desde que o Homem mantivesse sob controlo os seus instintos básicos. A Escolástica enfatiza a importância da renúncia, da castidade e da contenção, sendo que a disciplina física e mental constituem o caminho para a purificação ascética e para felicidade. Assistiu-se nesta época à divisão entre *felicitas* ou *beatitudo imperfecto* e *beatitudo perfecto*. São Tomás de Aquino retira alguma da carga negativa associada à felicidade terrena. O Homem medieval cria e aceitava com naturalidade o facto de ser infeliz, dado que isso resulta do pecado original.

No Renascimento assistiu-se ao surgimento do conceito de *felicitas naturalis*, independente da graça divina e que assenta na racionalidade e no livre arbítrio para

ascender a Deus. É por esta altura que surgem inúmeros tratados sobre o tema. A Reforma exortou o Homem a buscar felicidade na vida quotidiana como sinal de graça divina. Enfatizou-se a responsabilidade do indivíduo na busca da sua própria felicidade e salvação e a importância da fé. Assistiu-se à dessacralização da religião e à sacralização da vida quotidiana. Devido à crença na predestinação, a ética protestante encara a prosperidade e aparência exterior de felicidade como sinal de salvação e da obtenção da graça divina.

Posteriormente, John Locke introduziu o conceito de *tabula rasa* e renegou o conceito de pecado original, teorizando que é o mundo que corrompe o ser humano. Locke associa prazer a virtude, reconhecendo dois impulsos básicos no ser humano: repulsa pela dor e atracção pelo prazer. Assume-se que Deus é o expoente máximo do prazer, por isso o Bem, a Virtude e o Prazer são conceitos que passam a ser associados. O conceito de livre arbítrio ganhou ascendente e a noção de prazer terreno perdeu alguma da carga pejorativa. O ser humano não só merece ser feliz como tem direito a sê-lo.

O iluminismo americano apresentava algumas diferenças relativamente ao europeu. Enfatizando a virtude, a frugalidade e a auto-disciplina, estabeleceu uma ligação estreita entre prosperidade e felicidade. O individualismo detinha bastante ascendente nos Estados Unidos da América, mas era contrabalançado pela doutrina do *self-interest*<sup>1</sup> e pela religiosidade. Todavia o problema levantado durante o iluminismo estava longe de ser resolvido: se o ser humano tinha sido concebido para ser feliz, porque não o era? Surgiram vozes dissonantes: Rosseau sugeriu que a sociedade corrompe o ser humano, impossibilitando-o de ser feliz. Samuel Johnson, Adam Smith e David Hume reconheciam o poder da sociedade capitalista na agudização do ciclo de desejo-satisfação-insatisfação-desejo. A oposição entre os conceitos de felicidade individual e colectiva agudizou-se, pois para satisfazer a segunda é muitas vezes necessário sacrificar a primeira.

Durante o Romantismo adoptou-se o termo *joy*, enfatizou-se o regresso às origens, à infância e reconheceram-se as sociedades primitivas como sendo as mais felizes. Valorizou-se o cristianismo e a aceitação da dor e do sofrimento como fazendo parte do mundo natural e como algo que age sobre o ser humano, num processo

---

<sup>1</sup> Doutrina que preconiza que o indivíduo que age tendo em mente o interesse de outros, nomeadamente o interesse do grupo ou grupos a que pertence, está, na verdade, a servir os seus próprios interesses.

transformativo. A ênfase foi posta no domínio da emoção e rejeitou-se o conceito de *tabula rasa* proposto por Locke.

A industrialização e o agudizar das condições de vida da população, que principiava a condensar-se nas grandes urbes, levou ao aparecimento de novas correntes que advogavam revoluções ao nível das ideias e não só. Surgiram as experiências do socialismo utópico, tentando recriar um paraíso terrestre em comunas separadas do resto da sociedade. O socialismo científico alertou para o perigo da alienação, fruto do processo de produção típico das sociedades capitalistas, mas que se alastra aos restantes campos da vida humana. A libertação da alienação capitalista e religiosa era encarada como o caminho para a felicidade.

A intensificação da actividade científica marca uma nova etapa: a teoria da evolução introduz os conceitos de “comportamento instintivo” e hereditariedade, retirando alguma da responsabilidade que recaía nos ombros dos homens. Também sublinha a semelhança do Homem com os animais, tradicionalmente considerados inferiores. Nietzsche reforça esta ideia acrescentando que o Homem deve reconhecer os seus traços distintivos, aceitá-los, e aceitar-se na totalidade, o animalesco e o divino em si, pois só assim se poderá ser feliz. Freud dá ênfase aos instintos negativos do ser humano e para a necessidade de redireccioná-los sob pena de se transformarem em forças destrutivas.

Em pleno século XXI são inúmeras as teorias sobre as razões da infelicidade e as receitas para a obtenção da felicidade. Os livros publicados sobre o tema enchem os escaparates e prometem encontrar a “felicidade em dez passos”. Desde o *Status Anxiety*<sup>2</sup> ao *Hedonic Treadmill*<sup>3</sup>, passando por teorias hedonistas ou de felicidade como satisfação, a resposta sobre qual o caminho para a felicidade ainda não foi encontrada.

Através do estudo da etimologia do termo “felicidade” em várias línguas e do próprio conceito ao longo do tempo concluiu-se que a associação entre felicidade, prosperidade e tecnologia terá existido praticamente desde a sua origem conceptual, uma vez que primitivamente estar “satisfeito” ou “feliz” tinha que ver com o ter os meios necessários para garantir a subsistência. Presentemente os conceitos permanecem

---

<sup>2</sup> Título de uma obra de Alain de Botton (2004) que versa sobre o desejo que o indivíduo da sociedade moderna tem de “subir na vida” e sobre as ansiedades resultantes do modo como o indivíduo é visto pelos outros. O autor defende que a ansiedade crónica relativamente ao *status* é um efeito secundário inevitável em qualquer sociedade igualitária e democrática.

<sup>3</sup> Conceito que compara a busca da felicidade a alguém trabalhando num moinho, ou seja, alguém que tem de continuar a trabalhar apenas para permanecer no mesmo local.

associados, tal relação sendo constantemente reforçada na sociedade capitalista contemporânea, através da publicidade e do *marketing*.

Considerou-se importante aferir o grau de importância da tecnologia em três momentos históricos diferentes, considerados fundamentais para compreender a aceção de tecnologia na obra literária analisada: a narrativa bíblica, o período de colonização da América e a primeira metade do século XX. Pode depreender-se que a tecnologia não é, em nenhuma das fases estudadas, considerada negativa. Antes, o que é considerado negativo é o mau uso que o ser humano possa fazer dela, pois do mesmo modo que pode incrementar a qualidade de vida, também detém o poder de maximizar o sofrimento e a destruição.

A habilidade para criar e inventar aproxima o ser humano de Deus, o Criador (o Tecnólogo) por excelência. No relato bíblico não é dada muita ênfase à tecnologia, uma vez que o seu objectivo é retratar as relações de Deus com o ser humano. O engenho humano é considerado uma característica dada por Deus e é elogiado quando serve os interesses Daquela e amaldiçoado quando serve para glorificar o ser humano.

Na primeira fase de colonização da América a tecnologia é encarada como um meio de fazer face a um ambiente selvagem e hostil. A ética protestante do trabalho dignifica a actividade profissional e incentiva o indivíduo a encontrar a sua vocação como meio de glorificar Deus. O progresso tecnológico é considerado benéfico e constitui fonte de realização pessoal e social ao mesmo tempo que é entendido como uma garantia de salvação pessoal.

Na primeira metade do século XX, os efeitos nefastos da tecnologia tornaram-se pela primeira vez evidentes. Nas duas Guerras Mundiais fez-se uso de tecnologia de ponta, com tal resultado destrutivo, quer em termos de vidas humanas, quer em termos materiais, que teve o efeito de acicatar o debate sobre os seus reais benefícios e malefícios. Simultaneamente louvada por proporcionar mais conforto e odiada pela destruição que provoca, a tecnologia representa o que de melhor e pior existe no ser humano.

Os anos cinquenta ficaram conhecidos como a década do conformismo. A economia estava no auge e nunca até então as pessoas tinham tido um nível de conforto e bem-estar tão elevado. Deste marasmo intelectual surgiu o *McCarthyism*<sup>4</sup> e a perseguição a todos que pensassem de maneira diferente. A inspiração de Bradbury para

---

<sup>4</sup> Termo que descreve o intenso clima de suspeita anti-comunista nos EUA desde o final da década de 40 até final da década seguinte.

escrever Fahrenheit 451 surgiu quando, em 1949, passeando na rua com um amigo, foi mandado parar por um agente da polícia, que lhes perguntou o que faziam ali. O momento histórico em que a obra foi escrita teve influência na trama e no enredo, pois foi no período pós-guerra que se assistiu à democratização e globalização dos *mass media*, e em especial da televisão, nos Estados Unidos da América.

Através da análise das personagens principais de Fahrenheit 451 averigua-se de que modo os fios condutores, felicidade e tecnologia, são fundamentais na evolução da acção dos personagens e na resolução do conflito. Pode afirmar-se que existe em Fahrenheit 451 uma razão de proporcionalidade entre felicidade e tecnologia traduzível na questão “Será o ser humano tanto mais ou menos feliz quanto mais tecnologia tiver à sua disposição?” De facto, a análise da obra demonstra que a tecnologia constitui, na maior parte das vezes, um entrave à felicidade, podendo afirmar-se que quanto mais tecnologia estiver à disposição do sujeito, mais susceptível este se torna de se desviar da busca da felicidade e de optar pelo prazer imediato na forma de entretenimento. Tocqueville (2003) reflecte sob que forma poderá o despotismo regressar à sociedade humana e o tipo de governo que descreve é muito semelhante ao que está presente em Fahrenheit 451. Subrepticiamente presente em todos os aspectos da vida do indivíduo, concentra-se na tarefa de providenciar entretenimento que desvie atenção dos cidadãos das suas actividades, para que assim seja permitido ao grupo de homens no poder fazer praticamente tudo o que deseja:

[ . . . ] it would debase men without tormenting them [ . . . ] Above these men stands an immense and protective power which alone is responsible for looking after their enjoyments and watching over their destiny. It is absolute, meticulous, ordered, provident, and kindly disposed. It would be a fatherly authority, if, fatherlike, its aims were to prepare men for manhood, but it seeks only to keep them in perpetual childhood; it prefers citizens to enjoy themselves provided they have only enjoyment in mind. It works readily for their happiness but it wishes to be the only provider and judge of it.

Tal como refere Thoreau (1995) relativamente ao engenho humano, “Our inventions are wont to be pretty toys, which distract our attention from serious things.”, em Fahrenheit 451 a tecnologia representa um meio, como qualquer outro, de distrair ou desviar a atenção do indivíduo do que é realmente importante, podendo ser um meio

conducente à alienação, ao nivelamento de idiosincrasias e ao controlo de vontade das massas. Contudo, a tecnologia também não é considerada nefasta por si mesmo, uma vez que desde que providos de conteúdo real, os meios de comunicação de cariz tecnológico, poderiam, tal qual um livro, conter um cariz informativo, didáctico e reflectivo. O bom ou mau uso da tecnologia depende apenas do ser humano.

Muita da ficção científica publicada nas décadas de 40 e 50 apresentava a tecnologia como uma força positiva e a possibilidade de viajar no espaço parecia uma perspectiva viável para a Humanidade. Mas à medida que a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria se encarregavam de mostrar o lado negativo da tecnologia, surgem obras literárias como *Fahrenheit 451* que, inescapavelmente, reflecte o contexto político, económico, social e cultural da época em que foi produzido, criticando o McCarthyism e a dependência da tecnologia que começava a afectar a próspera sociedade americana.

Fahrenheit 451 is set at a time of (cold) war: jet planes scream overhead, there is a generalized culture of anxiety, and the text ends with the destruction of the city by an atomic or nuclear device. The novel, as noted above, begins with a scene of conflagration, destruction in microcosm: Montag the Fireman sets fire to piles of books. The culture of Fahrenheit 451 is based on war, economic power, and prosperity being explicitly linked to military might and social repression [ . . . ]” (Seed, 2005)

Como refere Booker (1994) a literatura de natureza distópica critica os sistemas políticos e sociais ao exagerar e levar ao limite as premissas sobre as quais se baseiam, de modo a revelar as suas falhas de modo mais claro. Fahrenheit 451 concentra-se em tentar demonstrar até que ponto a tecnologia pode ser utilizada para o controlo social, especialmente através do uso dos *mass media* nas áreas da educação e entretenimento. É possível observar-se na obra pessoas bombardeadas com “TV classes”, “film teacher[s]” e “TV parlors and televisors”. A tecnologia é utilizada para promover a cultura massificada e para suprimir a individualidade. Alguns problemas da sociedade americana dos anos cinquenta são igualmente evidenciados, como é o caso do amor pelos automóveis e pela velocidade que se materializam em Fahrenheit 451 na morte de *Clarisse* por atropelamento – destino a que *Montag* escapou por um triz - e na condução

veloz de *Mildred* que atropela animais quando se sente deprimida ou enfurecida com algo. A sociedade desceu aos infernos, apresentando um potencial destrutivo sem par:

There are too many of us, he thought. There are billions of us and that's too many. Nobody knows anyone. Strangers come and violate you. Strangers come and take your blood (Bradbury, 1993)

A metáfora distópica é acentuada pelo facto de o controlo da história e do conhecimento em geral que é acessível à população se processar através da queima de livros. Uma vez que o acesso ao conhecimento através de livros impressos é proibido, a única fonte de informação é o governo, que apresenta uma versão simplificada e distorcida da História. Mas este não constitui a única causa deste futuro enegrecido: tanto *Beatty* como *Faber* afirmam que a população americana no seu desejo de eliminar o lado negativo das questões e devido ao seu apreço por coisas simples, exigiu a supressão dos livros, pois estes eram complexos, contraditórios e difíceis de interpretar. *Beatty* culpa as minorias por objectarem a descrições de si próprias nos livros. *Faber* insiste em sublinhar o facto que o público deixou de ler por sua própria vontade:

[ . . . ] the firemen are rarely necessary. The public stopped reading of its own accord. You firemen provide a circus now and then at which buildings are set off and crowds gather for the pretty blaze, but it's a small sideshow indeed, and hardly necessary to keep things in line. (*idem*)

Enquanto algumas distopias apresentam o governo como maioritariamente responsável pela opressão, em Fahrenheit 451 não se assiste à responsabilização directa daquele. A única referência é feita por *Faber*, que refere o governo só interveio, tirando o maior proveito da situação, quando os americanos deixaram de ler e se permitiram seduzir pela interpretação simplista dos meios de comunicação. Neste sentido Fahrenheit 451 apresenta uma crítica feroz à cultura de massas e não às forças externas, como o Estado, o sistema político ou grupos de repressão:

I remember the newspapers dying like huge moths. No one wanted them back. No one missed them. And the Government, seeing how advantageous it was to have people reading only about passionate lips and the fist in the stomach, circled the situation with your fire-eaters. (*idem*)

Em Fahrenheit 451 não se apresenta uma única explicação sobre o facto de os livros terem sido banidos no futuro. Em vez disso, sugere-se que foi a combinação de múltiplos factores que levou a que isso acontecesse. Estes factores podem dividir-se em dois grupos distintos: factores que levaram a um desinteresse generalizado pela leitura e factores que tornaram as pessoas hostis em relação aos livros.

O primeiro grupo de factores inclui a popularidade crescente de formas alternativas de entretenimento mais competitivas, como a televisão e a rádio. Por outro lado, gerou-se um estilo de vida demasiado estimulante, no qual a omnipresença de carros rápidos e potentes, música e publicidade, que não permite a existência de tempo para que o indivíduo se concentre e tenha “leisure time”. Adicionalmente, a quantidade de publicações é de tal maneira extensa que as pessoas começam a optar por ler versões condensadas ou resumos em vez da obra literária em si:

Once, books appealed to a few people, here, there, everywhere. They could afford to be different. The world was roomy. But then the world got full of eyes and elbows and mouths. Double, triple, quadruple population. Films and radios, magazines, books levelled down to a sort of paste pudding norm, do you follow me? (*idem*)

O segundo grupo de factores inclui sentimentos como a inveja. Não gostando de se sentir inferior àqueles que leram mais ou que possuem mais conhecimentos, a maioria começou a exigir a destruição de livros. Também as minorias, étnicas, religiosas ou de qualquer outro tipo, não gostando de se ver retratadas de determinado modo, contestaram a sua inclusão nas obra literárias, exigindo uma descrição feita à medida. Em nome da paz, diz *Beatty*, foi necessário pôr cobro a esta situação:

[firemen] were given the new Job, as custodians of our peace of mind, the focus of our understandable and rightful dread of being inferior; official censors, judges, and executors. That's you, Montag, and that's me. (*idem*)

A luta protagonizada por *Montag*, *Faber* e *Beatty* gira à volta da tensão entre conhecimento e ignorância. O dever do bombeiro é destruir o conhecimento e promover

a ignorância de modo a equilibrar a população e promover a igualdade (não igualdade de direitos e deveres, mas igualdade porque todos têm de ser iguais).

Books, in Fahrenheit 451, are transmitters of ethical knowledge that produces stable and liberal communities. The society of Fahrenheit 451 is one without this source of moral direction, and therefore with no ethical base. The irony here is that although Montag must reconstitute his moral and authentic self in the course of his alienation from the state, the absence of moral frameworks and communitarian ideas mean that society is organised only through culturally reinforced habit (disseminated through the wall-sized television screens) and the repressive action of the firemen themselves. Because there are no books, there is no development of individual morality; because there is no ethical framework, there is no community. (Seed, 2005)

Segundo *Faber* existem três premissas necessárias para a obtenção de felicidade que não estão presentes na sua sociedade: qualidade de informação, tempo para reflectir sobre essa mesma informação e o direito de levar a cabo acções baseadas naquilo que se aprende da interacção entre os dois primeiros factores.

“Do you know why books such as this are so important? Because they have quality. And what does the word quality mean? To me it means texture. This book has pores.” (Bradbury, 1993) Quando *Faber* explica a *Montag* a importância dos livros, diz-lhe que não são os livros em si que são importantes, pois estes nada mais são do que meros receptáculos das ideias neles contidas. O significado existente nos livros poderia também estar presente noutros meios de comunicação, como a rádio e a televisão, mas as pessoas deixaram de o exigir. De acordo com *Faber*, o que *Montag* procura é a qualidade, que aquele define como “texture”, os detalhes da vida, ou seja, a experiência autêntica de vivência pelo sujeito e não através das *Parlour Walls*. Depois, é necessário tempo de lazer, não para andar de carro ou para frequentar parques de diversão, que *Clarisse* referia ser o modo como as pessoas passavam o tempo livre, mas para “digerir” as experiências vividas. Os meios de comunicação não deixam espaço para que o sujeito possa formar e emitir opiniões próprias:

The television is “real”. It is immediate, it has dimension. It tells you what to think and blasts it in. It must be right. It seems so right. It rushes you on

so quickly to its own conclusions your mind doesn't have time to protest,  
“What nonsense!” (*idem*)

O terceiro factor, o direito de levar a cabo acções baseadas naquilo que se aprende da interacção entre os dois primeiros factores, não existe, uma vez que não há liberdade para agir de acordo com as crenças e convicções individuais. Os “odd ducks” são eliminados e quem quer sobreviver, tem de escondê-las, tal como faz *Faber*. “We must all be alike. [ . . . ] Each man the image of the other; then all are happy [ . . . ]” (*idem*), diz *Beatty*.

Algumas das ideias presentes em Fahrenheit 451 serão mais tarde tratadas por Herbert Marcuse no ensaio intitulado “Repressive Tolerance”. O sistema político presente na sociedade retratada por Bradbury é supostamente baseado na assumption de uma sociedade democrática, em que todos têm o direito de se expressar e manifestar opiniões e pontos de vista e em que as decisões são tomadas pela deliberação da maioria, que depois de devidamente informada, toma uma decisão. Por isso se afirma repetidas vezes, através de *Faber*, *Beatty* e *Granger*, que os livros e todo o tipo de informação relevante foram banidos por desejo do povo, que abandonou a leitura em prol de outras actividades mais agradáveis.

This pure toleration of sense and nonsense is justified by the democratic argument that nobody, neither group nor individual, is in possession of the truth and capable of defining what is right and wrong, good or bad. Therefore, all contesting opinions must be submitted to ‘the people’ for its deliberation and choice. But I have already suggested that the democratic argument implies a necessary condition, namely, that the people must be capable of deliberating and choosing on the basis of knowledge, that they must have access to authentic information, and that on this basis, their evaluation must be the result of autonomous thought. (Marcuse, 2001)

Mas facilmente a democracia endureceu, tornando-se um sistema totalitário, uma vez que a falta de acesso a informação fidedigna e a utilização de meios tecnológicos para criar uma opinião pública massificada e facilmente controlável elimina qualquer possibilidade de reacção e contestação realmente efectivas.

But with the concentration of economic and political power and the integration of opposites in a society which uses technology as an instrument of domination, effective dissent is blocked where it could freely emerge; in the formation of opinion, in information and communication, in speech and assembly. Under the rule of monopolistic media – themselves the mere instruments of economic and political power – a mentality is created for which right and wrong, true and false are predefined wherever they affect the vital interests of the society. (*idem*)

A educação escolar passa exactamente por domesticar e doutrinar as crianças neste sistema de “não-pensamento”, estimulando a aceitação dos factos em vez de os questionar. Também a orientação curricular e profissional é feita para áreas de desporto e tecnologia, desprezando as humanidades, como sendo de pouco préstimo, porque produzem pensadores que poderão pôr em questão as directivas do Governo e alertar os seus concidadãos para a situação em que se encontram. É por este motivo que em quase todos os regimes totalitários há ocupações profissionais que estão em risco por aquilo que representam: os professores, os filósofos, os escritores, os artistas, os pensadores em geral, pela sua vocação para falar e comunicar com os outros, por poderem agir como formadores de opinião:

With school turning out more runners, jumpers, racers, tinkers, grabbers, snatchers, fliers, and swimmers instead of examiners, critics, knowers, and imaginative creators, the word “intellectual”, of course, became the swear word it deserved to be. (Bradbury, 1993)

O estudo das humanidades, por concentrar a sua área de estudo na condição humana e por fazer uso de métodos analíticos, críticos ou especulativos em detrimento do método empírico utilizado pelas ciências sociais e naturais é frequentemente encarado como menos sério e, não raras vezes, de menor importância. Em Fahrenheit 451 o conhecimento deste cariz é desvalorizado e mesmo proibido, porque motiva a existência de questões que podem pôr em causa o *status quo* e a vida roubada aos indivíduos que confiaram o seu cérebro à guarda de outrem:

[ . . . ] humanities, the only terrain in our knowledge landscape that grapples with life and death questions and tries to extract reason from the

seemingly irrational. [ . . . ] society turns, almost instinctively, to the humanists among us when we seek to explain the often inexplicable. It is this very lack of the concrete that often besmirches the reputation of humanists among some scientists and social scientists and, perhaps more significantly, the general public. (Iacobucci, 2005)

A tecnologia é que detém a maior parte dos louros pelo avanço do conhecimento. Mas sem haver discussão e fundamentação sobre o seu propósito, a tecnologia pode atingir dimensões e consequências terríveis. É precisamente esse o cenário distópico imaginado em Fahrenheit 451. O estudo das humanidades constitui um complemento das áreas científicas do conhecimento, embora não se resuma a isso:

Clearly, when we wish to explore the profound effects of changing technologies on societies and cultures, when we wish to adapt technologies to them or when we contemplate the whys and wherefores of the natural world, we are blending the arts and science and employing knowledge in a non-compartmentalized way. [ . . . ] Scientists can study the natural world but they cannot separate it from our human experience. (*idem*)

É esta a razão porque *Montag* refere que *Beatty*, e outros como ele, têm receio de *Clarisse*, pois ela poderia facilmente desmontar a ideologia apresentada por eles. A função principal do estudo das humanidades é responder a questões de carácter subjectivo. Preocupam-se com o “Porquê?” em vez de “Como?” e é precisamente isto que causa problemas numa sociedade que se deseja massificada e acomodada.

Em Fahrenheit 451 por vezes confunde-se humanidades com humanidade, no sentido em que se parte do princípio que uma leva directamente à outra, o que não é inteiramente verdade. Mas conforme refere *Faber* “The things you’re looking for, *Montag*, are in the world, but the only way the average chap will ever see ninety-nine per cent of them is in a book.” (Bradbury 94). Na sociedade de Fahrenheit 451 está ausente o aspecto humano, visível nas relações familiares e sociais vazias, desajustadas e degradadas e postula-se que o conhecimento poderia ajudar a actuar como alívio para as chagas, através da vivência de determinadas experiências que um livro pode proporcionar:

The humanities do not necessarily mean humaneness, nor do they always inspire the individual with what Cicero called "incentives to noble action." But by awakening a sense of what it might be like to be someone else or to live in another time or culture, they tell us about ourselves, stretch our imagination, and enrich our experience. They increase our distinctively human potential. [ . . . ] The humanities presume particular methods of expression and inquiry—language, dialogue, reflection, imagination, and metaphor. In the humanities the aims of these activities of mind are not geometric proof and quantitative measure, but rather insight, perspective, critical understanding, discrimination, and creativity. (Commission on the Humanities, 1980)

Ray Bradbury apresenta a visão perturbadora de uma sociedade futura, em que tudo o que poderia correr mal, de facto acontece. As pessoas raramente saem de casa e são dominadas pela tecnologia. Perdeu-se a comunicação entre os seres humanos, uma vez que todos foram moldados para pensar e agir da mesma maneira, sem opinião própria, com mais ligações afectivas com os aparelhos tecnológicos do que com os seus semelhantes:

[ . . . ] It is not simply fear that cannot be shown in public but all kinds of feelings. Form has subsumed emotions and substance, dissipated humanity, so that the medium has become the message. Art has become abstract, and people are identified with the things they own. They themselves are to be purchased, used and disposed of in an automatic way. (Rabkin, 1983)

A grande crítica subjacente em Fahrenheit 451 refere-se à falta de comunicação entre as pessoas e estas não conseguem sobreviver quando não há interacção. Por esse motivo o suicídio e a falta de vontade de viver tornaram-se endémicos. Os indivíduos passavam a grande parte do tempo a ser “domesticados” pela tecnologia, que lhes dava as referências sobre como agir, como pensar, o que dizer. Como consequência da lavagem cerebral, quando as pessoas falavam umas com as outras não havia comunicação efectiva, uma vez que todos estavam de acordo, ninguém expressava a sua opinião e o diálogo tornava-se desprovido de significado. *Faber* refere que as pessoas querem esquecer que existem realidades menos agradáveis e que é necessário haver o

confronto com elas para que o ciclo se complete. Assim será possível compreender o processo de nascimento, crescimento e destruição natural que toda a Criação experimenta:

We are living in a time when flowers are trying to live on flowers, instead of growing on good rain and black loam. Even fireworks, for all their prettiness, come from the chemistry of the earth. Yet somehow we think we can grow, feeding on flowers and fireworks, without completing the cycle back to reality. (Bradbury, 1993)

A árvore da vida referida por *Montag* no final da obra é um recurso poético comum que representa aquilo que pode ser a fonte de uma grande bênção. No Livro dos Provérbios (The Bible, 1992), o conceito aprofunda-se para passar a designar não só a fonte de imortalidade física, mas também a imortalidade mental, moral e espiritual.

Happy is the man *that* findeth wisdom, and the man *that* getteth understanding. For the merchandise of it is better than the merchandise of silver, and the gain thereof than fine gold. She is more precious than rubies: and all the things thou canst desire are not to be compared unto her. Length of days is in her right hand; *and* in her left hand riches and honour. Her ways *are* ways of pleasantness, and all her paths *are* peace. She is a tree of life to them that lay hold upon her: and happy is *every one* that retaineth her. (Prov. 3.13-18)

A longevidade é atribuída à posse de uma qualidade: a sabedoria, que constitui uma fonte de vida para o Homem. A sabedoria referida nestes versículos é essencialmente de cariz moral e é esta força que põe o Homem em contacto directo com a fonte de vida. Uma expressão similar é “The mouth of a righteous man is a well of life” (Prov. 10-11), significando que as boas palavras são um caminho para o bem, e por isso conduzem a um estado de bem viver.

De acordo com *Granger*, o sentido da vida está no modo como o ser humano transforma o ambiente e os outros indivíduos que o rodeiam. O Homem necessita de fazer alguma coisa por si próprio, deve de ser activo na busca de resposta para as questões que o incomodam. Não pode confiar no percurso de vida de outrem para encontrar a solução para a sua própria vivência. A passividade e a aceitação não

questionada de verdades absolutas provocam a extinção do pensamento livre e da individualidade:

Something your hand touched some way so your soul has somewhere to go when you die, and when people look at that tree or that flower you planted, you're there. It doesn't matter what you do, he said, so long as you change something from the way it was before you touched it into something that's like you after you take your hands away. (Bradbury, 1993)

De um modo que remonta à tradição clássica, *Granger* lembra a *Montag* a finitude da existência humana, lembrando-lhe que uma vida bem vivida, repleta de experiência em primeira-mão é o que de mais valioso há. Ele exorta *Montag*, e numa perspectiva mais ampla, o leitor a ver na expressão *carpe diem* um conselho existencial comparável a “eat, drink and be merry, for tomorrow we die”, dando ênfase ao aproveitamento do momento presente como o mais importante, pois a vida é curta e o tempo corre célere:

“Stuff your eyes with wonder,” he said, “live as if you'd drop dead in ten seconds. See the world. It's more fantastic than any dream made or paid for in factories. Ask no guarantees, ask for no security, there never was such an animal. (*idem*)

Em Fahrenheit 451 a culpa da situação desastrosa em que a sociedade se encontra não é atribuída ao efeito que a tecnologia tem no ser humano ou ao totalitarismo, mas sim à natureza do ser humano, como se houvesse qualquer coisa nela que determinasse à partida as motivações e as necessidades das massas. Estas são descritas como ignorantes, mais interessadas no conforto proporcionado pela tecnologia do que na criatividade ou na comunicação interpessoal. Por este motivo pode afirmar-se que foi a sociedade de Fahrenheit 451 que provocou a situação de descalabro existencial em que se encontra, num acontecimento que pode ser considerado cíclico. Só os intelectuais e os leitores assíduos de obras canónicas são capazes de reter a sua humanidade, porque essas actividades os tornam esclarecidos e conscientes das razões obscuras dos *powers that be* e lhes permitem manter a sua identidade e originalidade.

Pode afirmar-se que um dos temas principais de Fahrenheit 451 é a resistência ao conformismo imposto pela utilização da tecnologia dos *mass media* para controlar os indivíduos. Outro tema igualmente importante é a busca da felicidade. Se tomarmos o primeiro tema como a tese e o segundo como a antítese, poderemos chegar a uma síntese que postule que a felicidade não é possível se coexistir com o conformismo. A tecnologia em si mesma não é boa nem má, positiva ou negativa. É a utilização que os indivíduos, as sociedades e os governos fazem dela que podem torná-la perigosa ou negativa. Uma sociedade em que a tecnologia e a ética estão divorciadas caminha para o abismo porque não se questionam as consequências do desenvolvimento, que nem sempre é positivo, ao contrário do que frequentemente se veicula. A manutenção da individualidade e a rejeição do conformismo são condições essenciais para a busca de felicidade.

Em última análise que ilações se podem retirar da obra Fahrenheit 451 para a sociedade contemporânea? A inovação tecnológica processa-se mais rapidamente, os meios de comunicação assumem um papel mais presente e mais próximo do indivíduo, o núcleo familiar torna-se gradualmente mais reduzido e a alteração de modos tradicionais de vida acentua-se cada vez mais. De igual modo, a tendência generalizada dos últimos anos para relegar para segundo plano o estudo das humanidades (devido ao facto de o produto da sua investigação não ser quantificável nem rentável ao nível da economia) sugere alguma semelhança com Fahrenheit 451 e uma crise de valores no seio da sociedade contemporânea.

O sistema económico baseado no capitalismo manipula livremente a aspiração tão tipicamente humana à felicidade através do *marketing* e da publicidade, tornando os seres humanos escravos não só das suas necessidades, como também das suas crenças e aspirações. Estará a sociedade tecnológica, como acredita Bradbury, condenada a tornar-se cada vez mais tecnológica e destinada a destruir-se a si própria: “The salamander devours his tail” (Bradbury, 1993)? Apesar da grande semelhança entre o mundo ficcional de Fahrenheit 451 e a sociedade contemporânea, o objectivo é, como refere Bradbury, tentar prevenir um futuro e não prevê-lo. É imperativo que cada indivíduo questione a importância da tecnologia na sociedade contemporânea, tanto a nível individual como colectivo, sob pena de as diferenças individuais de cada sujeito serem “devoradas” por ela.

Fazendo eco das palavras de Tocqueville, perguntamo-nos o que acontece quando o apego ao conforto material e a ausência generalizada de um propósito maior

imperam numa sociedade? A educação e a cultura têm um papel importante a desempenhar, pois são elas que ensinam o Homem a reflectir e a formar opiniões esclarecidas, que criam uma sociedade melhor, menos alheada e mais informada. Em suma, Fahrenheit 451 alerta-nos para os perigos que podem afectar a sociedade contemporânea: “If there isn’t something in that legend for us today, in this city, in our time, then I am completely insane.” (Bradbury 91) A salvação, quer física, quer mental, quer espiritual, reside na manutenção do livre arbítrio, na recusa de alinhar com a “tirania da maioria” sempre que isso venha pôr em causa os valores intrínsecos do indivíduo. No caso de Fahrenheit 451 existem circunstâncias exteriores que fazem com que o indivíduo se consciencialize (o contacto com *Clarisse*), mas em última instância é àquele que cabe a escolha sobre o caminho a seguir: o da perdição (*Millie*) ou o da salvação (*Montag*):

Can there not be a government in which majorities do not virtually decide right and wrong, but conscience? — in which majorities decide only those questions to which the rule of expediency is applicable? Must the citizen ever for a moment, or in the least degree, resign his conscience to the legislator? Why has every man a conscience, then? I think that we should be men first, and subjects afterward. It is not desirable to cultivate a respect for the law, so much as for the right. The only obligation which I have a right to assume is to do at any time what I think right. It is truly enough said that a corporation has no conscience; but a corporation of conscientious men is a corporation with a conscience. Law never made men a whit more just; and, by means of their respect for it, even the well-disposed are daily made the agents of injustice. (Thoreau, 1993)

*Montag*, tal como *Marx* de Brave New World, escolhe não se tornar um seguidor passivo, e decide abster-se da vida na sua sociedade. Ao fazê-lo, percebe o efeito nocivo que a tecnologia exerce sobre o Homem, a sua cultura e História. Apercebe-se que quando a vida é facilitada por um forte controlo governamental e sem envolvimento pessoal dos indivíduos, as pessoas já não poderão passar o seu tempo a pensar, questionando e desenvolvendo as suas próprias ideias. Através da descoberta de si próprio como indivíduo, *Montag* é capaz de ver a verdade por detrás da sociedade decadente em que vive e gostaria de agora poder ser ele a revelar essa verdade aos

outros: “What could he say in a single word, a few words, that would sear all their faces and wake them up?” (Bradbury, 1993)

E apesar da descoberta que faz significar que a sua vida mudará para sempre, no encontro consigo próprio, ao recusar uma atitude de aceitação passiva e de conformismo com a realidade que lhe é imposta por outrem, quer esta seja de cariz político, social ou pessoal, *Montag* compreende igualmente que a chave para a felicidade efectiva do indivíduo, em particular, e da Humanidade, em geral, recai em pensar e em pôr questões válidas pelas quais valha a pena viver e morrer.

Fahrenheit 451 tem o efeito de provocar o leitor para pensar mais criticamente sobre a relação entre a sociedade, os seus valores e a importância do indivíduo. A passividade e o alheamento são vistos como sendo a causa da aniquilação pessoal e social. Ao nivelar intelectualmente toda a população, elimina-se o medo de se ser considerado inferior aos outros. A interpelação quase directa feita ao leitor, que em maior ou menor grau se vê reflectido nas personagens de Fahrenheit 451, para que reflecta nas consequências dos seus “não-actos”, constitui um dos objectivos principais, se não o principal objectivo, da obra.

## Referências Bibliográficas

### **Bibliografia**

- Bradbury, Ray. (1993). *Fahrenheit 451*. London: Flamingo.
- Seed, David. (2005) *A Companion to Science Fiction*. Malden: Blackwell Publishing.
- The Bible*. (1992). Swindon: The Bible Societies / Oxford University Press.
- The Declaration of Independence and the Constitution of the United States of America*. (1998). New York: Bantam Books.
- Thoreau, Henry David. (1993). *Civil Disobedience and Other Essays*. New York: Dover.
- \_\_\_\_\_. (1995) *Walden; Or, Life in the Woods*. New York: Dover.
- Tocqueville, Alexis de. (2003). *Democracy in America and Two Essays on America*. London: Penguin Books.

### **Webografia**

- Booker, M. Keith. (1994). *The Dystopian Impulse in Modern Literature: Fiction as Social Criticism*. Westport, CT: Greenwood Press. Retrieved 12 March 2007, from Questia database: <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=14141253>.
- Commission on the Humanities. (1980). *The Humanities in American Life: Report of the Commission on the Humanities*. Berkeley: Univ. of Calif. Press. Retrieved 6 April 2007 from Questia database: <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft8j49p1jc/>.
- Iacobucci, Frank. (2005). Critical thinking and imagination: Humanities more than just an academic discipline. *University of Toronto Bulletin*. Toronto: Department of Public Affairs, University of Toronto. Retrieved 6 April 2007 from Questia database: <http://www.news.utoronto.ca/bin6/thoughts/050124-903.asp>.
- Marcuse, Herbert. (2001). *Repressive Tolerance* webmaster: Harold Marcuse (Harold's UCSB homepage) page created March 27, 2001, last updated 17 February 2007. Retrieved 12 March 2007. <http://www.marcuse.org/herbert/pubs/60spubs/65repressivetolerance.htm>.
- Rabkin, Eric S., Martin H. Greenberg, and Joseph D. Olander, eds. (1983). *No Place Else: Explorations in Utopian and Dystopian Fiction*. Carbondale, IL: Southern Illinois University Press. Questia. Retrieved 12 March 2007 from Questia database: <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=10620200>.